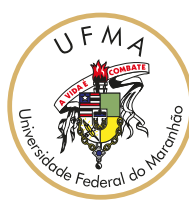


# Diferentes concepções sobre o conceito de História



## Créditos

### **Professor-autor**

Helmir Oliveira Rodrigues

### **Validadores Técnicos**

Ângela Pinto dos Santos

Patrícia Arantes Torres

Melquia Cunha Lima

### **Validadora Pedagógica**

Isabelle Aguiar Prado

### **Design Instrucional**

Steffi Greyce de Castro Lima

### **Design Gráfico**

Juliana Santos Aires de Oliveira

### **Revisão Textual**

Fabiana Serra Pereira

Como citar este material: RODRIGUES, Helmir Oliveira.  
**Diferentes concepções sobre o conceito de História.**  
São Luís: Universidade Federal do Maranhão. UNA-SUS/  
UFMA, 2019.

## **Professor-autor**

### **Helmir Oliveira Rodrigues**

Graduado em Formação e Habilitação em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestre em Psicologia Social pelo Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social da UFS, sob orientação do Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes, e doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do Prof. Dr. Luis Antônio Baptista. Atuou, entre os anos de 2012 a 2015, como Consultor Técnico da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) para Coordenação-Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência do Ministério da Saúde. Atuou, entre 2016 e 2017, como Professor Substituto do Departamento de Educação em Saúde, da Universidade Federal de Sergipe, campus Lagarto/SE.

# Apresentação

**Olá!**

Caros leitores, imagino que para muitos de vocês os modos de contar, fazer e estudar a história sejam algo que só se construa de uma única maneira há séculos.

Pensar o conceito de deficiência e seu desenvolvimento histórico perpassa, primeiramente, por uma problematização do que se entende por história e qual a sua serventia enquanto campo de saber.

Assim, neste material você conhecerá três concepções ou modos de entendimento da história, seus efeitos pontuais e qual delas será tomada como um norte para pensarmos o desenvolvimento histórico do conceito de deficiência.

Vamos lá?

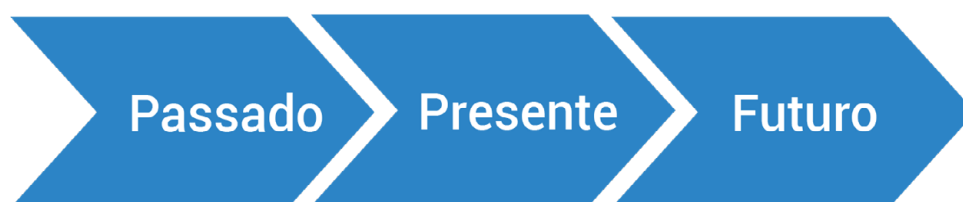


## OBJETIVO

Este material educacional permitirá você conhecer as três concepções de entendimento sobre o conceito de História.

# 1 A História Tradicional

Comumente, desde os primeiros anos escolares, somos postos em contato com os fatos que compõem a história de nossa sociedade, país e mundo. Histórias como a do Descobrimento das Américas, do Brasil ou mesmo das Grandes Guerras – uma história que busca as origens primeiras de um fato no passado – traça um caminho linear, homogêneo, até o presente, para explicar os acontecimentos da atualidade. Segundo Burke (1997) esse seria o tipo de história considerado como **História Tradicional** – aquela a que, comumente, temos acesso nos livros escolares.



**História tradicional:** traça um caminho linear, homogêneo, até o presente, para explicar os acontecimentos da atualidade com pretensões esperançosas para um futuro por vir.

Na história tradicional, a narrativa se preocupa em documentar os acontecimentos políticos e militares, partindo de um estudo por um tempo linear, contínuo, evolutivo, onde os fatos são o que são, já estão dados pelo passado, que se pauta por contar a história de figuras como reis, chefes de estado, seus feitos militares, dentre outros, como sendo a história verdadeira de um dado povo.

O que se quer, através desse tipo de estudo, é estabelecer leis que venham a reger a sociedade, pois partem de mitos ou fatos passados e têm pretensões esperançosas para um futuro por vir. Essa **busca pela verdade** é outra característica presente no campo desta história tradicional, a qual enxerga num passado os devires de uma totalização encontrada na situação presente.

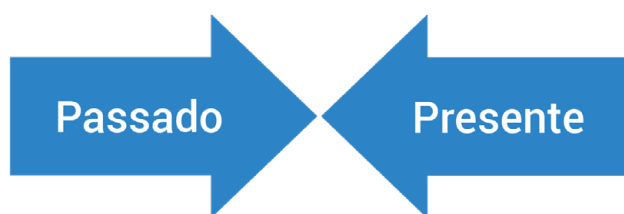
## 2 A Nova História

Em contraposição ao tradicionalismo historiográfico, os franceses Marc Bloch e Lucien Febvre fundam, em 1929, a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, propondo uma forma diferente de se fazer história, que veio a ser chamada de **Nova História**<sup>1</sup> (BURKE, 1997).

Segundo Reis (2000), é só a partir de uma nova concepção de tempo histórico que se pode pensar uma nova história, sendo consequência desse novo tempo e dessa inserção do espaço, a construção do novo objeto da história. **Não mais se consideraria o passado como objeto, mas sim o homem. Não somente o homem, mas este no tempo e também no espaço em que ocupa.**

Diferente da história tradicional, que parte do estudo do passado para explicar o presente, a 'Nova História' propôs o contrário: partindo do presente constrói-se uma nova explicação sobre o passado; por uma problematização do presente, interroga-se o fato passado.

<sup>1</sup> Essa 'Nova História' é decorrente de aproximações de Bloch e Febvre com outros campos de saber, em especial a Sociologia de Émile Durkheim e a Geografia Humana de Vidal de La Blache. Da sociologia eles constroem a concepção de um novo tempo histórico, que vem a pautar-se numa história de longa duração, onde se alargou o período de estudo histórico, e as mudanças das estruturas sociais se dão de uma maneira mais lenta, silenciosa e passível de análise. E da geografia humana vem à importância de se considerar o espaço ao qual se insere a região do estudo histórico (BURKE, 1997).



O que ocorre é uma fundamentação de acontecimentos passados a partir de modelos do presente. Ou seja, julga-se o passado através de conceitos e critérios do presente, como se os sentidos dados às coisas de uma outra época fossem o mesmo que no tempo presente (DREYFUS, 1995; LOBO, 2008).

Não mais se aceita os fatos como já existentes, eles são questionados, possibilitando sua reabertura e nova construção.

### 3 História “efetiva” e conceito de deficiência

A partir daqui, falaremos sobre o desenvolvimento histórico do conceito de deficiência no Brasil, a partir da terceira concepção de história, uma história “efetiva”, fundamentada no olhar genealógico cunhado pelo pensador francês Michel Foucault (2008).

Ela parte de uma problematização do presente, não com o intuito de reescrever o passado, mas de implementar processos de desconstrução de verdades tidas como imutáveis e que nos guiam. Fazendo de acontecimentos no passado, fatos singulares, não mais permitindo pensá-los como condição e causa para a forma como se vive no presente, apontando as distinções entre o passado e o presente.

Não se trata, somente, essa história efetiva como uma das inúmeras formas de se fazer história, escolhida como um puro método, trata-se de afirmar o caráter perspectivo da história, que expõe suas intenções enquanto saber que não se vê descolado de um poder, assumindo seu caráter ético-político<sup>2</sup>. Uma história que se sustenta no que Foucault (2008), a partir de influências nietzschianas, chamou de **olhar genealógico**.

<sup>2</sup> **Ético** uma vez que se assume enquanto modo de pensar que põe em análise os próprios modos de se viver; e **Político** entendida como todo fazer, toda ação realizada nos jogos de poder e que produz ou reproduz modos de existência, que produz ou reproduz valores, crenças e ideias.

No que diferem a genealogia e a história tradicional?

- **História tradicional:** defende que todo fato presente tem uma origem primeira no passado, onde jaz o gérmen da verdade absoluta, aquilo que carrega toda a explicação dos “por quês?” do tempo presente. Ela se caracteriza por realizar um estudo das origens, buscando ligações, formando uma compreensão linear e homogênea de compreensão dos acontecimentos.

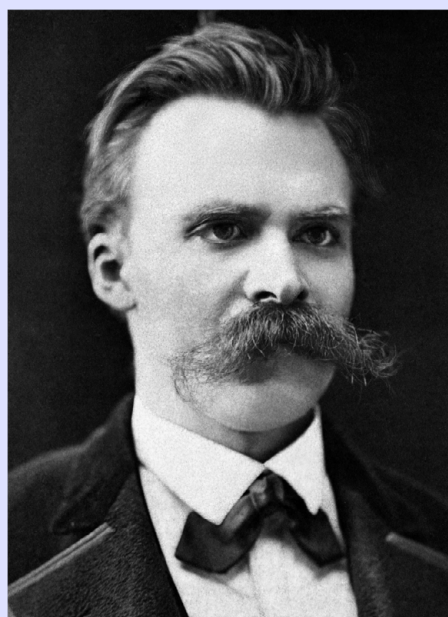
- **História “efetiva” – Genealogia:** a genealogia realiza um estudo da **proveniência** e da **emergência** dos acontecimentos.

a) Proveniência: diz das marcas sutis, singulares, que se cruzam, se chocam e que produzem eventos históricos. Não se trata de buscar uma ligação entre essas marcas, que possa dar uma característica unívoca a algo, mas de procurar os múltiplos pontos que venham a dar corpo a esse algo, a heterogeneidade do fato histórico.

b) Emergência: diz do aparecimento das forças, do local de confronto dessas. Do embate casual dessas forças que não cansam de se entrecruzar, chocar-se, emerge algo diferente, singular. A genealogia vai procurar mostrar esse jogo de forças, o barulho, o tumulto que existe, de que forma nesse alvoroço se produz algo singular, como o conceito de deficiência e em suas modalidades.

## Você conhece?

Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão de grande destaque no campo da Filosofia. Ele tentou elaborar um sistema de ideias para explicar a formação das coisas existentes. Todo seu campo de pensamento, desde a doutrina das forças, da vontade de potência ou mesmo sua genealogia da moral, são efeitos de um pensar que considera tudo como efeito de um dever. Ou seja, o sujeito está imerso a um caráter histórico-contingencial, retirando dele qualquer natureza essencialista. Nietzsche foi autor de obras como: *Genealogia da Moral*, *O Anticristo*, *Assim falou Zaratrusta*, *Além do bem e do mal*, dentre outras.



Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês que tem importante influência sobre os pensadores contemporâneos. Formado em Psicologia e Filosofia, lecionou em universidades francesas e foi cátedra do Collège de France. Publicou livros como *A História da Loucura*, *Vigiar e Punir*, *História da Sexualidade Vol. I, II e III*. Sua obra é dedicada à problematização sobre as relações de poder-saber e seus efeitos sobre os modos de subjetivação.

## 3.1 Uma nova forma de pensar o conceito de deficiência

É preciso que o conceito de deficiência, ao longo da história, seja pensado a partir de uma perspectiva genealógica, pois assim, será possível marcar o caráter heterogêneo desse conceito ao longo do tempo, como também dos jogos de força que permitiram emergir determinado modo de pensar/existir um corpo deficiente e das ações sobre esse corpo. Segundo Lobo:

“ Não há, portanto, continuidade da figura “a deficiente” ou “o deficiente” que tivesse crescido aos poucos como uma árvore milenar. (...) A deficiência atravessando os tempos não existe, somente estruturas sucessivas das quais cada uma tem sua própria gênese. A história não tem continuidade evolutiva, mas múltiplas e impuras proveniências.” (LOBO, 2008, p. 22).

Pensar o conceito de deficiência a partir desta perspectiva, não implica em negar a existência das marcas do corpo, e sim desnaturalizá-las, como sendo algo que não carrega o mesmo sentido ou caráter biologizante ao longo do tempo, como algo que faz parte da história, sendo uma objetivação dessa matéria (LOBO, 2008).

## Considerações finais

Neste material, vimos que o conceito de História se altera ao longo do tempo e apresentamos três concepções distintas. A primeira trata-se da história tradicional e compreende os acontecimentos do mundo como lineares, homogêneos e causais; a Nova História, por sua vez, compreende os fatos do passado a partir de uma análise dos modelos presentes, possibilitando uma reabertura dos conceitos anteriores. Por último, temos o que podemos chamar de "História Efetiva", uma proposição foucaultiana, chamada Genealogia, onde compreende-se que as marcas sutis dos acontecimentos se chocam e produzem eventos históricos e onde o interesse é maior que puramente conhecer estes eventos, mas compreender as relações de força e poder que os circundam.

Cada forma de compreender a história gera também uma forma de compreender outros conceitos, como a deficiência, por exemplo. A deficiência não é tratada do mesmo jeito desde sempre e seu conceito vem evoluindo e se modificando de acordo com o tempo e as relações de poder existentes. A deficiência faz parte da história, e como ela, tem seu conceito modificado ao longo do tempo refletindo novas relações de poder.

Até a próxima!



## REFERÊNCIAS

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1923-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: **Foucault, M. Microfísica do Poder**. 25.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008b, p. 15-37.

LOBO, Lilia F. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio Janeiro: Lamparina, 2008.

REIS, J. C. **Escola dos Annales – a inovação histórica**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.



**UNA-SUS**  
Universidade Aberta do SUS



**UNA-SUS**  
**UFMA**



Saúde • Inovação  
Tecnologia • Educação